

## NEGAÇÃO SENTENCIAL EM TEXTOS SETECENTISTAS E OITOCENTISTAS: [NÃOVNÃO] EM FOCO

por Vivian Seixas (UFOP)<sup>1</sup> e Mônica Alkmim (UFOP)<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho descreve e analisa as estruturas negativas sentenciais na Língua Portuguesa do Brasil (LPB) em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX, dando maior enfoque à negativa [NãoVNão], tida como forma inovadora no Português Brasileiro atual. Quanto à implementação da [NãoVNão], de acordo com os dados, o período em que ela aparece na escrita da LPB é a 1ª metade do século XVIII. Quanto à sua transição, descreveu-se o percurso no processo da mudança linguística: da estrutura [NãoV] para a [NãoVNão]. O arcabouço teórico-metodológico adotado foi a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972; 1994).

**PALAVRAS-CHAVE:** Negação Sentencial, Português Brasileiro, Língua Portuguesa do Brasil, Estrutura inovadora [NãoVNão]

### 1. INTRODUÇÃO

O Português Brasileiro (PB) é uma língua rica na expressão das negativas e, apesar do estudo dessas estruturas não ter sido um tema de grande interesse por parte dos gramáticos tradicionais, muitos trabalhos sobre esse fenômeno descreveram as construções<sup>3</sup> negativas utilizadas no PB, tanto em sincronias presentes, quanto em pretéritas. No caso do PB falado, a existência de três estratégias de negação sentencial, quais sejam, [NãoV], [NãoVNão] e [VNão], tem chamado a atenção dos linguistas, o que ocasionou inúmeros e pertinentes estudos.

Nesse quadro, este trabalho apresenta um levantamento feito acerca das negativas sentenciais na Língua Portuguesa do Brasil<sup>4</sup> (LPB) em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX. Além

---

1. Mestre em Letras: Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Ouro Preto.

2. Professora adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto; doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

3. Este termo tem, neste trabalho, o mesmo sentido do termo “estruturas negativas” e, portanto, não está relacionado ao conceito trabalhado pela Gramática das Construções (FILMORE, KAY & O’CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995).

4. A língua escrita investigada nos séculos XVIII e XIX deve ser denominada desta forma, pois ainda não podia ser tratada como Português Brasileiro (Profª Drª Jânia Ramos, em comunicação pessoal).

disso, apresenta considerações acerca da implementação e da transição de uma estratégia de negação presente no PB: a estrutura negativa sentencial [NãoVNão] que apresenta, concomitantemente, o elemento negativo *não* anterior e posterior ao verbo, como em “*Não* enganam *não*, primo<sup>5</sup>”.

Quanto à implementação da estrutura [NãoVNão], buscou-se investigar o período em que a mesma aparece na escrita da LPB. Quanto à sua transição, buscou-se descrever o percurso da estratégia de negação no processo da mudança linguística: da estrutura [NãoV] para a [NãoVNão].

Dentro desta perspectiva, na tentativa de comparar as estruturas negativas sentenciais de diversas línguas, Donadze (1981) e Schwegler (1983) tecem considerações sobre a [NãoV], forma negativa mais recorrente no PB e, também, a [NãoVNão], considerada por Schwegler (1983) como forma inovadora, por não estar presente no Português Arcaico. No entanto, esta afirmativa de Schwegler (1983) é contestada por Alkmim (2001), pois a autora comprovou, através de um levantamento realizado em peças de teatro do século XVI até o XX, a presença da estrutura [NãoVNão] já no Português Quinhentista de Portugal, porém com poucas ocorrências. Um exemplo desta estrutura encontrada no Português Europeu é “*Nam* hei-de ir a França *nam*”, verificado na peça *Auto da Fama*, de Gil Vicente.

Ainda, conforme Donadze (1981) e Schwegler (1983), a construção [NãoV] é encontrada em diversas línguas, tais como no Indo-Europeu, Latim, Português do Brasil e de Portugal, Espanhol, Romeno, Italiano, etc. Por sua vez, a construção [NegVNeg]<sup>6</sup> é encontrada no Francês, Catalão, Ladino e dialetos do norte da Itália, como o Piemontês. O exemplo a seguir demonstra esta última estrutura:

(1) *No* ho sé *cap*. (Catalão)  
(Ex. de SCHWEGLER, 1983, p.290)

Pode-se verificar, então, que há uma diferença entre o exemplo (1) de Schwegler (1983) e o exemplo<sup>7</sup> a seguir:

(2) É mentira, *não* vou *não*. (Obra literária, 1899).

A construção (1) apresenta elementos distintos para *Neg*: *no* antes do verbo e *cap* após o mesmo, enquanto no PB verifica-se a partícula *não* anterior e posterior ao verbo. Portanto, é interessante observar que, dentre as línguas que utilizam a construção negativa com dois elementos, são poucas as que apresentam a repetição do mesmo item negativo, como o PB (SCHWEGLER, 1983). Dentre as línguas que também apresentam a [NãoVNão], incluem-se: o Afrikanns<sup>8</sup>, O Palenquero<sup>9</sup> e o Espanhol da República Dominicana. Com relação ao PB, um ponto fundamental para o melhor entendimento das estruturas negativas é o que concerne à descrição estrutural, à avaliação social e à história das mesmas.

Em se tratando da avaliação social das construções, a [NãoV] é tida como a forma canônica e foi a que ocorreu em maior número no *corpus*. Por sua vez, a estrutura negativa [NãoVNão], exemplificada

5. Exemplo retirado do *corpus*.

6. Estrutura denominada Concordância Negativa (VITRAL, 1999), que possui o elemento não anterior ao verbo e um elemento negativo após o verbo, tais como *nada*, *ninguém*, *nenhum* e *nunca*. Um exemplo desta estrutura retirado do *corpus* investigado é “*agora não vai nada pelo não a ver emcaza*.”

7. Exemplo retirado do *corpus*.

8. Língua falada na África do Sul. (ALKMIM, 2001, p.4)

9. Crioulo falado em uma comunidade rural de El Palenque, na Colômbia. (ALKMIM, 2001, p.4)

em (2), apareceu em menor número no *corpus* e sofre sanção por parte dos gramáticos tradicionais. O registro de atitude desfavorável ao uso da estrutura [NãoVNão] transparece na afirmação de que o uso de tal construção é “popular” e constitui uma evidência de que “a língua é o que é, e não o que queremos que ela seja.” (NUNES, 1945). O mesmo pode-se deduzir da afirmação de Carneiro (1957): “a negativa duplicada na frase ‘Não quero não’, em vez de ‘Não quero’, constitui a forma vulgar de expressão de todo brasileiro”.

Assim, na tentativa de descrever as estruturas negativas do PB e compreender a história dessas construções, muitos trabalhos foram elaborados por diversas correntes teóricas, tais como a Gerativista, a Funcionalista, a Sociolinguística Variacionista e a Pragmática.

Com relação à história da construção negativa [NãoVNão], algumas hipóteses foram formuladas acerca da sua origem, quais sejam: a) Hipótese do contato (HOLM (1988); BENINI e RAMAT (1996); BAXTER e LUCHESE (1997); BAXTER (1998)); b) Hipótese do enfraquecimento (SALLES FILHO (1980); FURTADO DA CUNHA (1996)); c) Mudança paramétrica (GONÇALVES (1994); MARTINS (1997)); d) Hipótese proposta por Alkmim (2001), na qual este elemento teria passado de enunciado completo, para constituinte da oração e e) Hipótese semântico-pragmática proposta por Biberauer e Cyrino (2009).

Assim, tendo em vista o que foi até agora considerado, os seguintes questionamentos mostram-se pertinentes: Que estruturas negativas sentenciais ocorreram nos textos dos séculos XVIII e XIX? Quando ocorre a implementação da construção [NãoVNão] e como se dá a sua transição na LPB?

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho foi descrever e analisar as realizações das negativas sentenciais na LPB em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX e, de uma forma mais específica, procurar caracterizar apenas a negativa [NãoVNão], tida como forma inovadora no PB atual.

Os objetivos específicos buscados foram:

- a) Catalogar e descrever as diferentes realizações das negativas sentenciais presentes no *corpus* analisado.
- b) Verificar se um processo de mudança se manifestou nestas estruturas no decorrer do tempo.
- c) Mostrar a correlação entre construções negativas e pontuação como índice de limite sintático/marcador de pausa, dentro da estrutura frasal.
- d) Investigar a implementação e a transição da estrutura [NãoVNão].

## 2. METODOLOGIA

### 2.1. O modelo teórico-metodológico

Uma vez que a estrutura [NãoVNão], bem produtiva no PB atual, é considerada pela literatura linguística uma forma variante da estrutura sentencial canônica [NãoV], e apresenta, de acordo com Schwegler (1983;1991); Ramos (1997); Camargos (1998) e Alkmim (2001), um perfil de mudança em

progresso<sup>10</sup>, a partir dos pressupostos da Sociolinguística, optou-se por utilizar a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972;1994) como arcabouço teórico-metodológico nesta investigação.

## 2.2. A amostra: constituição e caracterização

Para a realização da análise com base no tempo real, foi investigada uma amostra composta por textos<sup>11</sup> de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX, quais sejam: correspondências privadas (cartas e bilhetes), jornais (correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais), peças de teatro e obras literárias em prosa (consideração dos diálogos).

O *corpus* da primeira metade do século XVIII é composto por uma peça de teatro, o *corpus* da segunda metade do século XVIII é composto por correspondências privadas, uma peça de teatro e uma obra literária, e o *corpus* do século XIX é composto por correspondências privadas, correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais, peças de teatro e obras literárias.

Os textos foram encontrados nas seguintes fontes:

a) Museu *Casa do Pilar*:

- Acervo Barão de Camargos – correspondências privadas dos séculos XVIII e XIX;
- Acervo Jornais – jornais do século XIX.

b) *PHPB-RJ*<sup>12</sup> (website):

- Correspondências privadas dos séculos XVIII e XIX;
- Jornais do século XIX.

c) *Corpus do Português* (website):

- Peças de teatro e obras literárias do século XIX.

d) *University of California* (biblioteca digital):

- Peça de teatro do século XVIII.

e) *Brasiliana USP* (biblioteca digital):

- Peça de teatro e obra literária do século XVIII.

## 2.3. A coleta dos dados

Os dados do *corpus* foram analisados em quatro períodos de tempo: 1ª e 2ª metades do século XVIII, 1ª e 2ª metades do século XIX. A divisão do *corpus* foi feita dessa maneira, uma vez que se pretendia obter um recorte maior do que o já apresentado por Alkmim (2001), quando foi descrito um processo de mudança linguística envolvendo tal estrutura.

---

10. Entende-se mudança em progresso como uma mudança não completada (LABOV, 1972).

11. Optou-se por esses tipos de texto, uma vez que, no período analisado, ainda não havia registro magnetofônico da língua falada. Assim, a representação de diálogos nas peças de teatro e obras literárias e a escrita menos formal das correspondências privadas e das publicadas em jornais são as formas que mais se aproximam da manifestação da língua falada do período que representam

12. Projeto *Para a História do Português Brasileiro* – Rio de Janeiro.

Assim, para a constituição da amostra, foram selecionadas:

- a) 65 páginas de peça de teatro da 1ª metade do século XVIII;
- b) 100 páginas de correspondências privadas da 2ª metade do século XVIII;
- c) 100 páginas de peça de teatro e obra literária<sup>13</sup> (em prosa) da 2ª metade do século XVIII;
- d) 100 páginas de correspondências privadas da 1ª metade do século XIX;
- e) 100 páginas de correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais da 1ª metade do século XIX<sup>14</sup>;
- f) 100 páginas de peças de teatro e obras literárias (em prosa) da 1ª metade do século XIX;
- g) 100 páginas de correspondências privadas da 2ª metade do século XIX;
- h) 100 páginas de correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais da 2ª metade do século XIX;
- i) 100 páginas de peças de teatro e obras literárias (em prosa) da 2ª metade do século XIX.

### 3. DESCRIÇÃO DAS ESTRUTURAS NEGATIVAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Na análise da amostra investigada foram encontradas diferentes realizações de negação: (a) elemento **não** em diversas posições, quais sejam: pré e pós-verbal, pré e pós os clíticos e, ainda, como negação de constituintes, subdividindo-se em: negação de SPrep, de substantivo, de adjetivo e de advérbio; (b) quantificador pré e pós-verbal; (c) advérbios negativos; (d) conjunção **nem** e (e) preposição **sem**, como mostram os exemplos abaixo:

(3) “**Não** quero ser descortes [...]” (Editorial de jornal, 1822) – [Nãov]

(4) “Recebi. oSeu e Tudo oque’ Nele Diz não vão ospregos que’ os**Naõ** ha feiTos para. viagem.” (Carta, 1776) – [ClítNãov]

(5) “pode Ser que agora não vai nada pelo **naõ** a ver em caza [...]” (Carta, 1776) – [Nãoclítv]

(6) “[...] Vos pesso hê, que Logo Logo exzecuteis os Homens que.’ mepagué ou**naõ**, enãõ quero ametade.” (Carta, 1752) – [Nãov+Elipse]

13. Os dados coletados das peças de teatro e das obras literárias foram computados juntos, pois foi considerado o discurso direto que ambos os tipos textuais apresentam.

14. Os anos anteriores a 1808 ficarão sem cobertura da análise, em se tratando de cartas publicadas em jornais e editoriais de jornais, uma vez que somente neste ano surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal a ser impresso no Brasil.

- (7) “*Nao* exigimos, que entrem para o Ministerio membros da opposição; *nao*.” (Editorial de jornal, 1842) – [NãovNãov]
- (8) “Tem graça, *não* senhora!” (Obra literária, 1881) – [VNãov]
- (9) “[...] para. *nunca* perturbar [...]” (Carta, 1785) – [Advv]
- (10) “[...] que *ninguém* o entenda [...]” (Editorial de jornal, 1822) – [Quantv]
- (11) “[...] *nam* tinha *nenhum* todos tinham fogido.” (Carta, 1781) – [NegvNeg]
- (12) “[...] Ja da fazenda de *Vossa Maggestade nem creyo* [...]”. (Carta, 1751) – [Nemv]
- (13) “[...] e *sem* fazer menção daquelles [...]” (Carta, 1796) – [Semv]

Assim, apurou-se um total de 3473 ocorrências nos séculos XVIII e XIX, como mostra a tabela a seguir:

ESTRUTURA	Nº DE OCORRÊNCIAS				TOTAL
	séc. XVIII	%	séc. XIX	%	
[Nãov]	585	20,1	2324	79,9	2909
[NãovNãov]	1	3,1	31	96,9	32
[VNãov]	0	0	4	100	4
[NegvNeg]	32	21,7	115	78,3	147
[Advv]	17	13,1	113	86,9	130
[Quantv]	10	16,4	51	83,6	61
[Nemv]	12	14,8	69	85,2	81
[Semv]	14	20,9	53	79,1	67
[Nãov+Elipse]	3	14,3	18	85,7	21
[Nem+Elipse]	1	6,2	15	93,8	16
[QuantNV]	1	20	4	80	5
TOTAL	676	19,5	2797	80,5	3473

Tabela 1: Distribuição das estruturas negativas no *corpus* em função do tempo

Os dados mostram que foi encontrada uma porcentagem maior de negativas no século XIX (19,5% no século XVIII e 80,5% no século XIX). Mas é preciso cautela antes de afirmarmos que houve aumento de negativas de um século para outro, já que nossa amostra de textos é muito maior no século XIX. <sup>15</sup>Dentre tais ocorrências, observa-se que a estrutura [Nãov] é a mais frequente tanto no século XVIII (20,1%) , quanto no século XIX (79,9%).

15. Uma questão muito importante foi a busca de textos que pudessem ter a autoria brasileira identificada. Este critério metodológico fez, então, com que a busca pelos dados se tornasse mais criteriosa e difícil. Tal fato, portanto, justifica a quantidade menor de páginas do século XVIII analisadas em relação ao século XIX.

Serão apresentados na Tabela 2, a seguir, os resultados da distribuição das diversas estruturas negativas sentenciais em relação ao tipo de texto e século em que ocorreram:

ESTRUTURAS	GÊNERO TEXTUAL									TOTAL
	SÉCULO XVIII			SÉCULO XIX						
	1ª metade	2ª metade		1ª metade			2ª metade			
peça de teatro	corresp. privada	peça/ obra lit.	corresp. privada	peça/ obra lit.	jornal <sup>1</sup>	corresp. privada	peça/ obra lit.	Jornal		
[NãoV]	173	294	118	122	309	565	132	427	769	2909
[NãoVNão]	1	0	0	0	3	11	0	16	1	32
[VNão]	0	0	0	0	0	0	0	3	1	4
[NegVNeg]	17	14	1	18	12	30	4	23	28	147
[AdvV]	6	7	4	12	10	24	8	21	38	130
[QuantV]	5	4	1	1	3	15	1	13	18	61
NemV	2	6	4	3	3	25	9	2	27	81
SemV	2	12	0	2	1	17	1	7	25	67
[Não+Elipse]	1	2	0	0	3	6	1	2	6	21
[Nem+Elipse]	0	0	1	2	2	4	0	2	5	16
[QuantNV]	0	1	0	0	0	4	0	0	0	5
TOTAL	207	340	129	160	346	701	156	516	918	3473

Tabela 2: Distribuição das estruturas negativas no *corpus* em função do gênero textual e do tempo

A análise da Tabela 2 mostra que, com relação ao século XVIII, as correspondências privadas da 2ª metade do século apresentaram o maior número de estruturas negativas, seguida pelo diálogo em peça de teatro da 1ª metade e, por fim, dos diálogos em peças de teatro/obras literárias da 2ª metade. É importante mencionar que a única estrutura negativa [NãoVNão] (forma inovadora) ocorrida no século XVIII aparece em um diálogo de peça de teatro da 1ª metade deste século.

Com relação à frequência das estruturas negativas, em primeiro lugar, como já mencionado, encontra-se a estrutura [NãoV] e, em seguida, a estrutura [NegVNeg], conhecida como Concordância Negativa<sup>16</sup>, em diálogos de peças de teatro/obras literárias e em correspondências privadas.

No que diz respeito ao século XIX, as correspondências publicadas em jornais/ editoriais de jornais apresentaram o maior número de estruturas negativas, seguido pelos diálogos em peças de teatro/obras literárias nas duas metades do século.

A estrutura [NãoVNão], de grande interesse para este estudo, apareceu na 1ª metade do século XIX em 11 ocorrências em editoriais de jornal e em 3 ocorrências em diálogos de peças de teatro/obras literárias. Na 2ª metade do século, apareceram 16 ocorrências em diálogos de peças de teatro/obras literárias e apenas 1 ocorrência em editorial de jornal. Ela não apareceu em nenhuma correspondência privada, nem em correspondência publicada em jornal, o que é um fato interessante. Também no século XIX, em segundo lugar na frequência, encontra-se a estrutura [NegVNeg] (115 ocorrências), ocorrendo, preferencialmente, em editoriais de jornal e diálogos de peças de teatro/obras literárias.

16. Conforme Vitral (1999), este fenômeno, que é representado pela estrutura [NegVNeg], ocorre no PB quando os quantificadores negativos, tais como *nada*, *ninguém*, *nenhum* (chamados por ele de *itens N*), alocam-se em uma posição pós-verbal, e exigem a presença da partícula *não* em posição anterior ao verbo.

Cumpra aqui mencionar que, durante o levantamento de material para o *corpus*, foram encontradas quatro ocorrências da construção [NãoVNão] no século XVIII, na obra poética *Marilia de Dirceo* (GONZAGA, 1792). O presente estudo não levou em consideração a ocorrência da [NãoVNão] em obras literárias em verso, pois o autor pode tê-las usado para criar um estilo próprio, ou encaixar a escrita dentro da métrica utilizada por ele nos versos. Seria necessário fazer uma análise mais profunda sobre tal obra e os recursos utilizados pelo autor, o que não é o propósito do presente estudo. De qualquer maneira, tal fato mostra-se interessante, pois, além de ser um recurso utilizado pelo autor, por outro lado pode ser um indício de que tal estrutura já estivesse implementada na língua na 2ª metade do século XVIII.

### 3.1 Análise da estrutura [NãoVNão]

A estrutura [NãoVNão] apareceu 32 vezes no *corpus* selecionado, sendo 1 ocorrência na 1ª metade do século XVIII em uma peça de teatro. No século XIX foram 3 em diálogos de peça de teatro/obra literária e 11 em editorial de jornal na 1ª metade do século; 16 ocorrências em diálogos de peça de teatro/obra literária na 2ª metade do XIX e apenas 1 ocorrência em editorial de jornal na 2ª metade do século XIX. Os exemplos a seguir mostram algumas das estruturas encontradas:

(14) “**Não** he com as nossas pêssoas que o fâsem, **não**; he com o nosso dinheiro.” (Peça: O marido confundido, Alexandre de Gusmão, 1ª metade do XVIII)

(15) “**Nao** se pense que nós nos oppomos ao recrutamento; **nao** [...]” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1841)

(16) “**Não** se persuada alguém que quando assim falamos temos em vista apoiar o assassinato; **não**: longe de nós tal Idea [...]” (Jornal: O Libertador, 1841)

(17) “Ha de ficar a constituição sendo o juguete dos partidos e do governo; mas **não** é do que tenho medo; **não** [...]” (Jornal: O Libertador, 1841)

(18) “**Nao** se entregue a sorte dos brasileiros aos belleguins; **nao** e derroque o edificio constitucional; **nao** se queira escravisar o povo brasileiro!!...” (Jornal: O Libertador, 1841)

(19) “**Naõ** exigimos, que entrem para o Ministerio membros da opposição; **naõ**, **nao**.” (Jornal O Despertador Mineiro, 1842)

(20) “Fazemos estas reflexoes, **nao** por desconhecer a autoridade da Realesa e menos presa-la, **nao**, **nao**: he antes por amarmo-la muito.” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1842)

(21) “[...] **nao** porque o nosso partido **nao** tenha tantos e mais homens ricos, do que o vosso, **nao**, vos sabeis perfeitamente o contrario [...]” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1842)

(22) “**Não** foi nada, **não** senhora.” (Peça de teatro: O Noviço, Martins Pena, 1845)

(23) “Pois **não** respondo, **não**.” (Peça de teatro: Uma véspera de Reis, Artur Azevedo, 1873)

(24) “**Não** vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; **não**, de maneira alguma se pode dizer isso.” (Jornal: Ilustração Brasileira, 1876)

(25) “Tu **não** vai mesmo, **não**, Toinho?” (Obra literária: Dona Guidinha, Manoel de Oliveira Paiva, 1892)

(26) “É mentira, **não** vou **não**.” (Obra literária: A Conquista, Coelho Neto, 1899)

Após verificar as estruturas encontradas, foi preciso delimitar a sentença que continha esta dupla negativa e observar como as duas partículas **não** estavam distribuídas, isto é, se de forma linear, seguindo uma ordem natural dos constituintes, ou se apareciam separadas por alguma oração intercalada, ou se estavam apenas distantes uma da outra.

Para exemplificar, apresenta-se o exemplo (14) da 1ª metade do século XVIII, aqui repetido para melhor visualização:

(14) “**Não** he com as nossas pêssoas/ que o fasem,/ **não**; he com o nosso dinheiro.”

Têm-se aqui duas orações com a presença do primeiro **não** na oração principal e do segundo **não** após a oração subordinada.

A seguir, observa-se o exemplo (21) da 1ª metade do século XIX:

(21) “[...] nao porque o nosso partido **nao** tenha tantos e mais homens ricos,/ do que o vosso,/ **nao**, vos sabeis perfeitamente o contrario [...]”

A oração negativa, acima, possui uma estrutura complexa e longa, e apresenta, após o primeiro **não** e o verbo, um objeto direto, um elemento de comparação e, só após este elemento, aparece o segundo **não**.

Mais um exemplo pode ser aqui apresentado, o (16) da 1ª metade do século XIX:

(16) “**Não** se persuada alguém/ que/ quando assim falamos/ temos em vista apoiar o assassinato;/ **não**: longe de nós tal Idea [...]”

Este período possui também a estrutura complexa. O primeiro **não** se encontra na oração principal e o segundo **não** após duas orações subordinadas. Além destes exemplos, esta distância entre os dois **nãos** da estrutura [NãovNãov], pode ser verificada em outras sentenças da 1ª metade do século XIX. (cf.(15), (17), (18), (19) e (20)).

Curiosamente, pode-se observar que as estruturas [NãovNãov], que apresentam os dois **nãos** em posições distantes um do outro, foram encontradas no século XVIII e na 1ª metade do século XIX (apenas um dado foi encontrado na 2ª metade do século XIX – cf. exemplo (24)). Tal fato nos faz suspeitar que a estrutura [NãovNãov] apresenta mudanças em sua configuração – primeiramente (século XVIII e 1ª metade do século XIX) a estrutura apresenta os dois **nãos** com uma certa distância um do outro, distribuídos em orações mais longas e complexas. Na 2ª metade do século XIX, no entanto, as estruturas [NãovNãov] apresentam-se de forma diferenciada das anteriormente mencionadas, isto é, têm a estrutura mais simples e os dois itens **não** encontram-se próximos.

Para efeito comparativo, Alkmim (2001), em levantamento feito também acerca da estrutura [NãovNãov], em um *corpus* composto por diálogos de peças de teatro dos séculos XIX e XX, encontrou 45 ocorrências da referida estrutura: uma na 1ª metade do século XIX e 13 na 2ª metade, e 12 na 1ª metade do século XX e 19 na 2ª metade.

Chaves e Alkmim (2005) também descreveram o uso da estrutura [NãovNãov] em um *corpus* composto por cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Os dados apresentados pelas autoras apontaram um número bastante reduzido de [NãovNãov], pois foram encontradas somente 8 ocorrências. Mesmo assim, destas ocorrências, somente uma foi no século XIX, na 2ª metade.

Nesse sentido, a comparação dos resultados aqui apresentados com o de Alkmim (2001)<sup>17</sup> e o de Chaves e Alkmim (2005) permite dizer que o *corpus* utilizado neste trabalho apresenta uma ocorrência da estrutura [NãovNãov] já na 1ª metade do século XVIII, o que só vai ocorrer nos dois *corpora* dos trabalhos acima mencionados no século XIX e, na maioria, na sua 2ª metade. A presença de um dado na 1ª metade do século XVIII tem importância, uma vez que, se uma estrutura está presente na língua escrita (mesmo que em diálogo de peças de teatro) na 1ª metade do século XVIII, isto significa que, na língua falada, ela já deveria estar presente algum tempo antes.

Outra questão interessante que pode ser observada nas sentenças acima é o fato de algumas estruturas [NãovNãov] apresentarem o ponto e vírgula para separar o segundo *nãov* da oração. Alkmim (2001), ao descrever um processo de mudança nessas estruturas no século XIX, apresenta dados que contêm apenas a vírgula na estrutura. Desse modo, retrocedendo no tempo, encontramos, também, o ponto e vírgula.

#### 4. DA IMPLEMENTAÇÃO DA [NãovNãov]

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968), a implementação está atrelada às causas/motivações da mudança: por que determinada mudança e, não outra, ocorre em um certo tempo e lugar? Assim, sob esse viés, procura-se identificar em que parte da estrutura social e linguística a mudança se originou. Portanto, tratar um aspecto da implementação nesta pesquisa é tentar responder à pergunta: “Quando é iniciada a mudança?”. Ou melhor, “Quando aparece a estrutura [NãovNãov] em textos escritos da LPB?”

Para determinar a implementação da estrutura [NãovNãov] na LPB, foi feita, então, uma investigação para verificar em qual época ela aparece no *corpus* proposto (se é no século XVIII ou no século XIX).

Conforme já mencionado anteriormente, foi identificada uma estrutura [NãovNãov] em uma peça de teatro da 1ª metade do século XVIII. Desse modo, este dado é um indício de que tal construção foi implementada nesta época (ou talvez antes) na língua escrita e, possivelmente, bem antes na língua falada.

Para efeito elucidativo, a única [NãovNãov] encontrada na 1ª metade do século XVIII no *corpus* selecionado é a estrutura evidenciada anteriormente no exemplo (14) e retomado a seguir:

(14) “Nãov he com as nossas pêssoas que o fasem, nãov; he com o nosso dinheiro.” (Peça: O marido confundido, Alexandre de Gusmão, 1ª metade do XVIII)

---

17. Tanto Alkmim (2001), quanto Chaves e Alkmim (2005) não apresentam investigação no século XVIII.

Esta estrutura foi encontrada na peça de teatro *O Marido Confundido*, uma comédia do autor brasileiro Alexandre de Gusmão<sup>18</sup>.

## 5. DA TRANSIÇÃO DA [NÃOVNÃO]

Por transição, Weinreich, Labov e Herzog (1968) entendem a mudança de um estado da língua a outro. Ou seja, é o percurso de uma dada mudança. Assim, tratar a questão da transição neste trabalho é tentar responder à pergunta: “Quais mudanças intermediárias podem ser observadas entre quaisquer duas formas de uma língua em diferentes momentos?”

Nesse quadro, para tratar a transição, foi analisado o percurso da mudança que envolve as estruturas [Nãov] e a [NãovNãov].

A análise das estruturas mostrou que, além do uso da vírgula para separar a oração do segundo elemento *nãov* (descrito por Alkmim, 2001), usava-se o ponto e vírgula. Em um total de 32 estruturas [NãovNãov], 7 foram marcadas com o uso do ponto e vírgula, o que representa 21,88 % das ocorrências. Algumas destas ocorrências com ponto e vírgula encontram-se listadas a seguir:

(15) “**Nãov** se pense que nos oppomos ao recrutamento; **nãov**.” (1ª metade do XIX)

(19) “**Nãov** exigimos que entrem para o Ministerio membros da opposição; **nãov**, nãov.” (1ª metade do XIX)

(24) “**Nãov** vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; **nãov**, de maneira alguma se pode dizer isso.” (2ª metade do XIX)

Uma vez que foi verificada a presença do ponto e vírgula, investigou-se o uso deste sinal de pontuação nos séculos XVIII e XIX. Um dos trabalhos sobre pontuação investigados foi o de Rosa (1994) e, neste, a autora afirma que, de modo geral, o ponto e vírgula era um sinal que servia de orientação para a retórica e denotava uma pausa maior do que a da vírgula e menor do que o ponto final.

Além disso, conforme Gonçalves (2003, p. 200), no século XVIII o ponto e vírgula era considerado um sinal de criação e de uso recente. Para a autora, o referido pontema situava-se em um grau intermédio (pontuação média), entre a vírgula (pontuação fraca) e o ponto final (pontuação forte). E, tal como a vírgula, o ponto e vírgula era um pontema interior, ou seja, não era um sinal de abertura ou de fecho, embora pudesse abrir ou fechar um segmento de extensão variável na frase, ou ligar duas ou mais frases. Assim sendo, era um pontema de ligação e de separação, simultaneamente. Tinha a característica de apresentar uma pausa maior que a vírgula, e menor do que os dois pontos e o ponto final.

Assim, Gonçalves (2003, p. 203) afirma que o ponto e vírgula figurará onde a oração já faz algum sentido, mas não é o bastante para entender-se o que se fala: a primeira proposição espera pela segunda para se poder entender. Ainda conforme a autora, o uso do ponto e vírgula se associa a conceitos como o de proposição, período e sentido perfeito.

---

18. Alexandre de Gusmão nasceu na Villa de Santos (hoje cidade de Santos) no ano de 1695. Além de ter sido um eminente poeta, foi um importante político e diplomata em Portugal. Este nome foi dado a ele como uma homenagem do seu pai ao seu padrinho, o padre jesuíta Alexandre de Gusmão (J. M. T. de C., 1841).

Quanto ao uso do ponto e vírgula no século XIX, Gonçalves (2003) defende que este ainda possuía a característica de ser mais forte do que a pontuação marcada pela vírgula e que era um pontema de grau médio. Representava um maior grau de autonomia, quer sintática, quer pragmática, dos segmentos por ele separados, ao mesmo tempo em que correspondia, em conformidade com o critério pausal, a uma pausa maior do que a do pontema anterior.

Assim, com base na investigação sobre a pontuação nos séculos XVIII e XIX, de uma maneira geral, foi verificado que o ponto e vírgula, no que diz respeito à orientação que a escrita dava para a leitura, denotava uma pausa maior do que a vírgula e menor do que o ponto final (ROSA, 1994; GOLÇALVES, 2003). No âmbito sintático, além do uso do ponto e vírgula demonstrar que havia uma ligação entre as orações, ele dependia da existência de unidades de sentido mais ou menos extensas, visto que ocorria, no século XVIII, em alternância com o pontema dois pontos apenas em frases ou períodos mais longos (GONÇALVES, 2003).

Assim, uma vez analisados os dados e investigado o uso do ponto e vírgula nos séculos XVIII e XIX, foi possível propor etapas para um possível percurso no processo de mudança de [NãoVNão], que pode ser representado da seguinte maneira:

**1ª etapa → [estrutura oracional] + não [...] (com o uso do ponto e vírgula):**

(18) “**Nao** se entregue a sorte dos brasileiros aos belleguins; **nao** e derroque o edificio constitucional; nao se queira escravisar o povo brasileiro!!..” (Jornal, 1841)

**2ª etapa → [estrutura oracional] + não [...] (com o uso da vírgula):**

(25) “Tu **não** vai mesmo, **não**, Toinho?” (Peça de teatro, 1892)

**3ª etapa → perda da vírgula:**

(26) “É mentira, **não** vou **não**.” (Obra literária, 1899)

A partir da análise dos contextos explicitados anteriormente, bem como da investigação sobre o uso do ponto e vírgula nos séculos XVIII e XIX, foi possível propor hipótese sobre a transição da estrutura [NãoVNão]: *o uso do ponto e vírgula indica que havia uma pausa maior do que a da vírgula, quebrando uma unidade sintática da estrutura oracional, quando da implementação, na língua, da estrutura sob análise.*

Esta pausa mais longa pode explicar o fato de o segundo **não** não fazer parte da estrutura frasal e, posteriormente, ter sido gramaticalizado (conforme descrito por ALKMIM, 2001).

É importante frisar que se trata, ainda, de uma hipótese, passível de comprovação estatística, o que, infelizmente, fica fora das possibilidades do presente trabalho.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o primeiro questionamento previamente formulado, qual seja, “Que estruturas negativas sentenciais ocorreram nos textos dos séculos XVIII e XIX?”, podemos dizer que foram identificadas as seguintes estruturas negativas sentenciais nos séculos XVIII e XIX: [NãoV], [NãoVNão], [VNão], [NegVNeg], [AdvV], [QuantV], [NemV], [SemV], [Não+Elipse], [Nem+Elipse] e [QuantNV]. É importante destacar que foram encontradas na amostra selecionada as estruturas negativas [NãoVNão] e [VNão], tidas como formas inovadoras no PB.

Tendo em vista que o foco da pesquisa foi a estrutura [NãoVNão] e que os dados obtidos através da análise em tempo real demonstraram que esta estrutura ocorreu nos séculos XVIII e XIX, é possível, responder, então, ao questionamento: “Quando ocorre a implementação da construção [NãoVNão] e como se dá a sua transição na LPB?”

Assim, no que diz respeito à implementação, o fato de, a partir da 1ª metade do século XVIII, a escrita já apresentar a variante tida como inovadora [NãoVNão] constitui uma indicação de que ela já estava implementada na língua, fazia parte do Português Coloquial e, quem sabe, já era sentida como uma marca do Português do Brasil. Além disso, verificamos que, em 7 sentenças que continham a estrutura [NãoVNão], ao invés da vírgula, usou-se, também, o ponto e vírgula.

Com base nos trabalhos sobre pontuação investigados, de uma maneira geral, foi verificado que o ponto e vírgula, no que diz respeito à orientação que a escrita dava para a leitura, denotava uma pausa maior do que a vírgula e menor do que o ponto final (ROSA, 1994; GONÇALVES, 2003). No âmbito sintático, além do uso do ponto e vírgula demonstrar que havia uma ligação entre as orações, ele dependia da existência de unidades de sentido mais ou menos extensas, visto que ocorria, no século XVIII, em alternância com o pontema dois pontos apenas em frases ou períodos mais longos (GONÇALVES, 2003). Esse fato talvez explique/justifique o uso desse tipo de pontuação em negativas [NãoVNão] mais extensas, em um período mais antigo de tempo.

Além disso, observamos que as estruturas [NãoVNão], que têm o ponto e vírgula, apresentavam os dois itens *não* em posições distantes um do outro e foram encontradas no século XVIII e na 1ª metade do século XIX (sendo apenas um dado encontrado na 2ª metade do século XIX – cf. exemplo (24)).

Tal fato nos faz suspeitar que a estrutura [NãoVNão] apresenta mudanças em sua configuração: i) primeiramente (no século XVIII e na 1ª metade do século XIX) a estrutura apresentava os dois itens *não* com uma certa distância um do outro, distribuídos em orações mais longas e complexas; ii) posteriormente, na 2ª metade do século XIX, no entanto, as estruturas [NãoVNão] apresentavam-se de forma diferenciada das anteriormente mencionadas, isto é, tinham a estrutura mais simples e os dois itens *não* encontravam-se próximos.

A partir da explicitação evidenciada acima, podemos verificar, portanto, que havia uma articulação da pontuação com a organização discursiva e sintática da sentença. Desse modo, o uso do ponto e vírgula em sentenças longas parece indicar que, em um primeiro momento, este pontema surgiu como um efeito retórico, para denotar uma pausa ainda mais longa do que a da vírgula.

Nesse quadro, a hipótese proposta pelo presente trabalho descreve o percurso da mudança linguística (de [NãoV] para [NãoVNão]) em três etapas: 1) um primeiro momento em que o segundo *não* era separado da estrutura oracional por um ponto e vírgula; 2) no segundo momento, havia o uso da vírgula para separar o segundo *não* da estrutura oracional; e 3) por fim, houve a queda da vírgula.

## SENTENTIAL NEGATION IN TEXTS OF THE 18<sup>TH</sup> AND 19<sup>TH</sup> CENTURIES: [NÃOVNÃO] IN FOCUS

### ABSTRACT

This study analyzed and described the occurrence of sentential negative structures in the Portuguese Language of Brazil (PLB), in texts of Brazilian authors of the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> Centuries. It focused on characterizing the negative [NÃOVNÃO], taken as an innovative form in current Brazilian Portuguese. Regarding the implementation of the structure [NÃOVNÃO], according to our data, we found that it appeared in the writing of the PLB in the first half of the 18<sup>th</sup> Century. Concerning to its transition, we described the course of the linguistic change process: from the structure [NÃOV] to [NÃOVNÃO]. The theoretical-methodological framework was the Variation Theory (LABOV, 1972; 1994).

**KEY WORDS:** Sentential Negation; Brazilian Portuguese; Portuguese Language of Brazil; Innovative structure [NÃOVNÃO]

### REFERÊNCIAS

Alkmim, M. (2001). *As Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro: Uma Abordagem Variacionista*. Belo Horizonte, 2001. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais.

Baxter, A. M. (1998). O Português Vernáculo do Brasil. In: *América Negra: panorâmica actual de los estúdios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesa y criollas*. Frankfurt: Vervuert. p.72-137.

Baxter, A. M.; Luchesi, D. (1997). A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da Língua Portuguesa no Brasil. In: *Estudos Linguísticos e Literários*, nº 19, Universidade da Bahia. p. 65-83.

Biberauer, T.; Cyrino, S. (2009a). *Appearances are deceptive: Jespersen's cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance based Creoles*. In: *Going Romance*, 23. Nice. 19 p. (handout).

Camargos, M. L. (1998). *Análise Variacionista de negativas sentenciais no Dialeto Mineiro*. Comunicação apresentada no XXVII GEL, S. J. Rio Preto.

Carneiro, N. *Lições de Português*. (1957). Rio de Janeiro: Livr. São José.

Chaves, E; Alkmim, M. (2005). *Variação e Mudança em estruturas negativas: cartas pessoais do século XIX e primeira metade do século XX*. Glauks (UFV), v. 5, p. 81-93.

Donadze, N. (1981). Quelques remarques concernant les constructions négatives dans le langue romanes. In: *Quaderni di Semantica 2*. p. 297-301.

Fillmore, C.; Kay, P.; O'Connor, C. (1998). Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of let alone. In: *Language* 64. p. 501–38.

Furtado da Cunha, M. A. (1996). Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: Martelotta, Votre & Cezário (orgs.) *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. R.J.: Tempo Brás. p. 167-189.

- Gonçalves, F.M.R. (1994). *Negação frásica em Português: Caracterização sintática com referência ao processo de aquisição*. Lisboa, 1994. 349f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Lisboa.
- Gonçalves, M. F. (2003). *As idéias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734 – 1911)*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonzaga, T. A. (1792). *Marília de Dirceu*. . Por T. A. G. Com licença da Real Meza da ComiSsão Geral Sobre o Exame, e Censura dos Livros. Lisboa: Typografia Nunesiana. (Arquivo histórico do Museu da Inconfidência – edição prínceps).
- Holm, J. (1988). *Pidgins and Creoles*. Vol. I e II. Cambridge: Cambridge University Press. 255 p.
- J. M. T. de C. (2011). *Collecção de varios escritos politicos e litterarios de Alexandre de Gusmão*. Porto: Typografia de Farias Guimarães, 1841. In: University of California [online]. Disponível em <<http://ia700507.us.archive.org/26/items/collecodevar00gusm/collecodevar00gusm.pdf>>. Acesso em: 07 de dez.
- Labov, W. (1994). *Principles of linguistic change*. Internal Factors. Oxford: Blackwell.
- Martins, E. (1997). *Sentencial negation in spoken Brazilian Portuguese*. Washington: Georgetown University.
- Nunes, J. J. (1945). *Gramática Histórica do Português*. 3ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Ed.
- Ramos, J. (1997). *A alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística*. UFMG.
- Rosa, M. C. (1994). *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*. Rio de Janeiro, 1994. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- Salles Filho, A. (1980). *A negação em Vila dos Confins*. RJ: Tempo Brasileiro.
- Schwegler, A. (1983). *Predicate Negation and Word-Order Change – A Problem of Multiple Causation*. *Lingua* 61. p. 297-334.
- Vitral, L. (1999). A negação: Teoria da checagem e mudança linguística. In: *DELTA*. vol. 15, n. 1, p. 57-84.
- Weinreich, U.; Labov, W.; Herzog, M. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: Lehmann, W & Malkiel, Y. (ed.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 97-189.

#### (FOOTNOTES)

1. Correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais.